

A PERCEÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOBRE O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA

PSYCHOLOGY UNDERGRADUATE STUDENTS' PERCEPTIONS OF EMERGENCY REMOTE TEACHING AT A PRIVATE HIGHER EDUCATION INSTITUTION

Matheus Gomes Leandro¹
Patricia Rossi Carraro¹

RESUMO: O estudo objetivou compreender a percepção dos alunos do curso de graduação em psicologia sobre o ensino remoto emergencial em uma instituição de ensino superior privada. Realizou-se uma entrevista com 30 alunos, a partir de roteiro de entrevista semiestruturado e na própria instituição. Os dados foram analisados segundo a Análise de Conteúdo. Os resultados revelaram que a maioria adaptou-se à plataforma de ensino adotada pela instituição, e alguns a consideraram complexa. Quanto a metodologia de ensino docente, a maior parte gostou da forma como foi conduzida. Em relação aos dispositivos tecnológicos utilizados e ao acesso à *internet*, observou-se que parte expressiva dos participantes utilizou o celular e *notebook* e que os meios de conexão mais utilizados foram *wi-fi* e o 3G. O fato de as aulas ficarem gravadas foi fundamental, pois os discentes muitas vezes não estavam física e psicologicamente bem. Grande parte dos participantes sentiu falta do contato físico dos colegas de turma e da faculdade. Alguns apontaram que não sentiram falta, pois economizaram com locomoção, alimentação e material escolar. Parte expressiva dos alunos relatou crise de ansiedade, uma minoria síndrome do pânico e somente um teve crise existencial. A metade dos participantes aumentou o número de sessões de psicoterapia, e alguns precisaram consultar com psiquiatra. Quanto aos problemas físicos, alguns comentaram sobre cansaço pela ausência de atividades físicas e ganho de peso. Concluiu-se que, apesar das restrições impostas pela pandemia da covid-19, a instituição apontada conseguiu dar continuidade às ações pedagógicas, e os alunos procuraram se adaptar às dificuldades encontradas no ensino, bem como superar os problemas psicológicos e físicos.

Palavras-chave: alunos; psicologia; pandemia; ensino remoto; ensino superior.

ABSTRACT: The study aimed to understand the perception of undergraduate psychology students about emergency remote teaching at a private higher education institution. An interview was carried out with 30 students, using a semi-structured interview guide and at the institution itself. The data was analyzed according to Content Analysis. The results revealed that the majority adapted to the teaching platform adopted by the institution, and some considered it complex. As for the teaching methodology, most liked the way it was conducted. In relation to the technological devices used and access to the internet, it was observed that a significant part of the participants used cell phones and notebooks and that the most used means of connection were Wi-Fi and 3G. The fact that classes were recorded was fundamental, as students were often not physically and psychologically well. Most participants missed physical contact with their classmates and faculty. Some pointed out that they didn't miss it, as they saved money on transportation, food and school supplies. A significant portion of the students reported an anxiety attack, a minority reported panic syndrome and only one had an existential crisis. Half of the

¹ Graduando em Psicologia
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2453039418281000>
E-mail: matheus.gomes2798@gmail.com

² Pós-Doutora pela FFCLRP/USP - Psicologia
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/270277063225885>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1625-266X>
E-mail: patriciaroscar@yahoo.com

participants increased the number of psychotherapy sessions, and some needed to see a psychiatrist. As for physical problems, some commented on tiredness due to the lack of physical activity and weight gain. It was concluded that, despite the restrictions imposed by the Covid-19 pandemic, the mentioned institution managed to continue its pedagogical actions, and the students sought to adapt to the difficulties encountered in teaching, as well as overcome psychological and physical problems.

Keywords:*students; psychology; pandemic; remote teaching; higher education.*

INTRODUÇÃO

Desde o final de 2019, o mundo parou devido a pandemia da covid-19. O primeiro caso surgiu na China e foi, aos poucos, se instalando no mundo (Aquino *et al.*, 2020). A doença que causa dispneia e pode evoluir para uma pneumonia grave, atingiu milhões de pessoas ao redor do mundo (Ferreira-Netto; Corrêa, 2020).

A pandemia da covid-19 ocasionou diversas mudanças em nosso cotidiano, devido às medidas sanitárias e de isolamento social. Uma das áreas mais afetadas foi a educacional, de forma que as ações pedagógicas presenciais foram interrompidas e as instituições reguladoras nacionais sugeriram que o semestre letivo fosse realizado por meio de atividades remotas (Rondini; Pedro; Duarte, 2020).

A pandemia produziu repercussões na saúde pública de maneira agressiva, tirando a vida de pessoas idosas, inicialmente consideradas como o principal grupo de risco. No entanto, também afetou negativamente as crianças, os jovens e adultos, por conta da doença. Sabe-se que o distanciamento social e o isolamento, adotados por todo o mundo, com normas nem sempre seguidas com rigidez, para manter a população em casa, impactaram desfavoravelmente na economia dos países, ocasionando a paralisação de diferentes serviços e atividades, inclusive o processo de ensino-aprendizagem (Alves, 2020).

Notou-se que os problemas socioeconômicos e educacionais aumentaram à medida que as restrições sanitárias propostas pela Organização Mundial da Saúde não foram respeitadas. No Brasil, com o início do isolamento social em março de 2020, as aulas presenciais foram suspensas em todos os cenários educacionais e em todas as redes privadas e públicas (Cunha; Silva; Silva, 2020).

Com a suspensão das atividades presenciais e a implementação do ensino remoto, novos desafios foram impostos à educação para dar continuidade às aulas. Nesse contexto, é necessário que haja planejamento e uso de estratégias pedagógicas, capacitação do docente e adaptação dos estudantes. Além disso, é fundamental que docentes e alunos cuidem da saúde mental, bem como do tempo dedicado aos eventos educacionais. Para isso, a instituição precisa orientar o docente e escutar o aluno (Appenzeller *et al.*, 2020).

A condição de emergência imposta pelo coronavírus fez com que muitas unidades de ensino migrassem de forma temporária para o Ensino Remoto Emergencial. Dessa forma, professores tiveram que reinventar sua forma de ensinar, pois não foram preparados para essa modalidade de ensino, e os familiares e os alunos buscaram se adaptar às mudanças para dar continuidade às atividades escolares (Behar, 2020).

Em contrapartida, muitos tiveram prejuízo pela inacessibilidade de recursos como *internet*, computador e até celular. Diante

disso, constatou-se que a educação não foi inclusiva, deixando uma lacuna ainda maior no aprendizado e na desigualdade socioeconômica (Cardoso; Ferreira; Barbosa, 2020; Gusso *et al.*, 2020). Embora o direito à educação esteja previsto na Constituição Federal de 1988 (Arts. 6º e 205) e pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (Art. 26), na prática, essa realidade é cada vez mais distinta.

O estudo desenvolvido por Silva, Sousa e Menezes (2020) pretendeu compreender, na visão de alunos brasileiros, os méritos e deméritos do Ensino Remoto Emergencial (ERE) para o contexto educacional. A partir da abordagem qualitativa, 144 discentes responderam ao questionário *on-line*. Os dados revelaram insatisfação relacionada não só ao acesso à *internet* e equipamentos, mas também à modalidade de ensino imposta, afetando a qualidade do ensino e da aprendizagem. Os benefícios relatados apontaram flexibilidade de horários e diminuição de gastos. De acordo com os autores, conclui-se que o ERE precisa ser melhor refletido, baseado nas necessidades sociais, culturais, econômicas e psicológicas dos discentes, e não apenas em aspectos operacionais e teóricos.

Carvalho, Cunha e Quiala (2021), a partir de estudo exploratório, desenvolveram uma pesquisa com o intuito de avaliar a visão de 117 estudantes de quatro instituições de ensino desde o fundamental a graduação quanto ao ensino por meio das TIC's (remoto e suas variáveis EAD e híbrido) durante o período da pandemia. A partir de uma análise descritiva dos dados tabulados no questionário pelo sistema de formulários do *Gmail*, ficou evidente a disposição para uma mudança definitiva de modalidade de ensino, visto que 53,8% responderam que, apesar de preferirem a modalidade presencial, o ensino híbrido é preferível ao totalmente remoto por proporcionar a interação com colegas e professores. Adicionando-se a esse percentual os que preferem o totalmente remoto por terem adaptado-se bem (26,5%), tem-se 80,3% dos estudantes adaptados aos desafios e possibilidades da nova modalidade de ensino, se as instituições que estes frequentam decidissem por melhorar a oferta de ensino. As considerações finais mostram que, apesar dos empecilhos enfrentados pelos estudantes na adaptação ao ensino remoto imposto pelas questões sanitárias decorrentes da pandemia da covid-19, a maioria está voltada a se adaptar de forma definitiva ao ensino híbrido.

Paiva (2020) realizou um ensaio sobre os impactos da pandemia causada pela covid-19 na educação brasileira. Apontou que os termos educação a distância, ensino *on-line* e ensino remoto emergencial vão sendo alterados como forma de lutar contra o preconceito que se instala em qualquer forma de ensino que não seja o presencial. A autora revela os desconfortos sofridos por professores e alunos com o ensino *on-line*. Os professores reclamam que os alunos não abrem as câmeras e não interagem, e os alunos revelam que a postura de alguns docentes no ensino *on-line* é muito seme-

lhante ao que faziam em sala de aula: aulas expositivas, apoiando-se em *slides*, propondo discussões, solicitando textos escritos e aplicando provas. Por outro lado, outros professores estão aprendendo a fazer vídeos, usando grande quantidade de ferramentas digitais e perdendo o receio de utilizar a tecnologia. Paiva (2020) concluiu que o ensino nunca será o mesmo novamente, que a *internet* tornou-se uma necessidade pública e que as políticas educacionais devem mudar.

Soares, Guimarães e Sousa (2021) investigaram a percepção de alunos que cursavam ciências contábeis em uma universidade pública e que utilizaram o ensino remoto emergencial durante a pandemia de covid-19 no Brasil, com vistas a compreender os aspectos favoráveis e desfavoráveis para a aprendizagem. Realizou-se um estudo qualitativo e descritivo, com dados coletados por meio de quatro grupos focais, cujos participantes eram 80 alunos de um curso presencial de graduação em ciências contábeis. Os resultados demonstraram que, na visão dos alunos, os aspectos que favoreceram a aprendizagem no ensino remoto foram: a flexibilização nos prazos para entrega de atividades, autonomia no processo de aprendizagem e uso de metodologias ativas pelo professor. Quanto aos aspectos que dificultam a aprendizagem, destacam-se a falta de acesso à *internet*, não manter uma rotina de estudos, elevação do nível de estresse e aulas monótonas por videoconferência. Concluiu-se que o uso de metodologias ativas possibilita uma maior participação dos alunos nas aulas remotas e aumenta a qualidade da aprendizagem.

A pesquisa de Oliveira *et al.* (2022) procurou avaliar as consequências da covid-19 e do isolamento social na saúde mental de discentes do ensino superior no Ceará. Essa pesquisa foi realizada com 3.691 alunos do ensino superior participando de aulas *on-line* no período de junho a setembro de 2020, os quais responderam a um questionário sociodemográfico e situacional referente à pandemia/isolamento social e ao Inventário de Saúde Mental. Os resultados revelaram que 21,2% dos alunos tiveram que cancelar suas atividades, sem expectativa de retorno. A maioria (77,2%) relatou preocupação com a morte de parentes e conhecidos pela covid-19. A situação geral de saúde mental médio, determinada pelo inventário, foi 48,8%. Esse dado sugere que os alunos tiveram sua saúde mental influenciada pelas situações impostas pela pandemia. Nesse sentido, Oliveira *et al.* (2022) consideram que as instituições de ensino devem proporcionar estratégias para auxiliar a saúde mental dos discentes.

Pereira *et al.* (2021) desenvolveram uma pesquisa com a finalidade de investigar os efeitos dos afetos positivos e negativos, da ansiedade e dos pensamentos e comportamentos obsessivos e compulsivos nos estudantes universitários brasileiros durante a pandemia da covid-19. Nesse estudo, participaram 492 estudantes de todas as regiões do país, com idades a partir de 18 anos. Os

instrumentos utilizados foram autorrelatos aplicados no formato *on-line*. Os resultados demonstraram que 37% (N = 182) dos estudantes apresentaram alto nível de ansiedade e 46,1% (N = 227) níveis moderados para os pensamentos e comportamentos obsessivos e compulsivos. Além disso, constatou-se que os afetos positivos se correlacionaram negativamente à ansiedade, assim como se relacionaram negativamente aos pensamentos e comportamentos obsessivos e compulsivos, enquanto os afetos negativos se associaram positivamente às variáveis independentes. Pereira *et al.* (2020) consideram fundamental ter estratégias de apoio e avaliação continuada dos estudantes de ensino superior brasileiro durante e após a pandemia da covid-19, a fim de acompanhar sua saúde mental diante de um momento diferente e com mudanças importantes nas relações sociais e educacionais.

Cruz *et al.* (2023) realizaram um estudo, cuja finalidade foi analisar o impacto nos hábitos alimentares durante o isolamento causado pela covid-19. Trata-se de um estudo transversal, com adultos brasileiros com 18 anos ou mais. Utilizaram-se dados da plataforma *Google Forms*, no período de 2022 a 2023. Os resultados revelaram que, com a pandemia e o isolamento social, os entrevistados mudaram seus hábitos alimentares, levando a um aumento do consumo de alimentação inadequada e de baixo valor nutricional, baseada no consumo excessivo de alimentos industrializados, os quais podem gerar sérios prejuízos a saúde física e mental.

Pereira *et al.* (2021) realizaram um projeto de extensão pelo Serviço Escola de Psicologia de uma universidade pública de Minas Gerais, cuja finalidade foi oferecer atendimento psicológico aos acadêmicos durante a pandemia da covid-19, no período de abril a julho de 2020. Os atendimentos foram realizados, de forma *on-line*, pelos docentes da universidade sob a forma de plantão e acolhimento psicológico, visando ofertar um lugar de escuta qualificada para externalizar angústias e apoio emocional. Verificou-se o predomínio de discentes do sexo feminino, comprovando estigmas de gênero, nos quais o autocuidado foge do ideal de masculinidade imposto à sociedade patriarcal. Identificou-se aumento considerável de ansiedade, não apenas pela manifestação da doença em si, mas dos fatores indiretos que acompanham e afetam à saúde mental das pessoas, como: o afastamento de amigas e de familiares, as dúvidas em relação ao futuro, a frequente movimentação de informações nem sempre verdadeiras, a possível perda de emprego ou de mudanças nas atividades realizadas no trabalho.

O estudo de Torres, Cosme e Santos (2021), de abordagem qualitativa, foi realizado no cenário da educação superior remota, o qual surgiu da prática de ensino durante a pandemia covid-19, em uma universidade privada situada na região Sul do Brasil. Os resultados da pesquisa revelaram a diferença do espaço físico como uma das vantagens apontadas pelos docentes, pois os alunos não precisaram se deslocar até a escola/universidade. Outro destaque foi a

continuidade do trabalho docente e a necessidade de reorganizar a proposta metodológica, podendo incorporar mais conhecimento e optar por outros recursos de aprendizagem. Revelaram ainda a vantagem da flexibilização dos horários para os alunos desenvolverem as atividades propostas e os diferentes tipos de aprendizagens realizadas no período da pandemia. As desvantagens relacionam-se à falta de infraestrutura, à dificuldade de acessar à *internet*, o despreparo dos professores e estudantes no uso de tecnologias/recursos, à dificuldade frente ao uso dos programas oferecidos pela escola/universidade para os professores não iniciados na tecnologia, problemas de conexão à rede fraca ou lenta e à ausência de rede de computadores ou redes para conexão. Conclui-se que as mudanças que ocorreram em tempos de pandemia no ensino geraram sofrimento e perturbação profissional, já que, nesse momento, todos foram obrigados a se reorganizarem a partir de outros formatos.

Diante do exposto, a presente pesquisa pretende responder ao seguinte problema: como os alunos do curso de graduação em psicologia vivenciaram o ensino remoto emergencial em uma instituição de ensino superior privado?

O estudo, realizado a partir da abordagem qualitativa, teve como objetivo geral compreender a percepção dos alunos do curso de graduação em psicologia sobre o ensino remoto emergencial em uma instituição de ensino superior privada. Os objetivos específicos permitem compreender a percepção dos alunos sobre a plataforma educacional utilizada, a condução, o tratamento e a metodologia de ensino remoto utilizada pelo professor, bem como verificar o dispositivo tecnológico utilizado, o acesso à *internet* e o ambiente de estudo dos discentes para acompanhamento das atividades remotas. Além disso, visou identificar os impactos da ausência de contato presencial dos alunos nesse período de isolamento social e investigar os problemas de saúde física e mental que possam ser gerados com o isolamento social.

METODOLOGIA

Local

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, foi desenvolvida em uma instituição de ensino superior privada, localizada em uma cidade no interior de São Paulo, com discentes do curso de psicologia. A coleta de dados foi realizada em uma sala do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), no período de novembro de 2021 a março de 2022.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a abordagem qualitativa não visa enumerar e/ou medir os eventos estudados. Essa abordagem se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificável e relaciona-se com questões ou focos de interesses amplos, que se definem de acordo com o desenvolvimento da in-

vestigação. A pesquisa qualitativa trabalha com a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Para Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa pode assumir diversas formas, destacando-se, principalmente, a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. Estas ganharam aceitação e credibilidade na área da educação, mais precisamente para investigar questões relacionadas com o contexto educacional.

Na visão de Minayo (1999), esse tipo de pesquisa ocupa-se com o universo de significados, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um campo mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os participantes da pesquisa

Participaram do estudo trinta alunos (três alunos de cada período) do curso de graduação em psicologia. O projeto foi apresentado inicialmente ao coordenador do curso e, após a aprovação, aos alunos. A adesão e a participação foi voluntária.

Quanto aos critérios de inclusão: alunos do curso de graduação em psicologia de um centro universitário de uma cidade do interior de São Paulo, independentemente de idade, gênero, estado civil, se trabalha ou não, se mora sozinho ou com familiares/amigos. Quanto aos critérios de exclusão: alunos que não são do curso de graduação em psicologia de um centro universitário, de uma cidade do interior de São Paulo.

Também foram esclarecidos todos os cuidados éticos pertinentes da pesquisa, tais como aqueles referentes a não identificação dos participantes, ao sigilo e cuidados com as informações obtidas. Antes de iniciar a entrevista, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme orientações da Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, com todas as informações indispensáveis aos cuidados éticos a serem tomados em relação ao material.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, respeitando a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS), n.º 466 de 2012 e a de n.º 510 de 2016. CAAE: 46743321.8.0000.5403.

O procedimento de coleta de dados

Como procedimento metodológico, realizou-se uma entrevista, com duração de aproximadamente 60 minutos,

cuja data e o horário foram marcados de acordo com a disponibilidade do entrevistado. Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado.

A entrevista foi gravada em MP3 e posteriormente transcrita para o computador pessoal do pesquisador e analisada. Considerando que se trata de uma pesquisa científica, foi fundamental gravar a entrevista para garantir a reprodução mais exata possível do que foi relatado durante a entrevista. Este material está armazenado no computador pessoal do pesquisador e será deletado assim que a pesquisa for finalizada.

O procedimento de análise dos dados

Utilizou-se para a análise das entrevistas, depois de gravadas e transcritas, a Análise de Conteúdo, a qual consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2002).

Entre as várias técnicas de análise de conteúdo descritas por Bardin (2002), foi utilizada a análise temática, o tipo de análise mais rápida e eficaz, a qual, operacionalmente, organiza-se em torno de três etapas: a pré-análise, a exploração do material e, por último, o tratamento dos resultados obtidos, a inferência e a interpretação.

RESULTADOS

Nesta parte serão apresentadas a caracterização dos estudantes do curso de graduação em psicologia, de uma instituição de ensino superior, localizada em uma cidade do interior de São Paulo, e a análise e discussão dos dados.

Caracterização dos entrevistados

A seguir serão demonstradas informações dos estudantes entrevistados, com relação a gênero, idade, autodeclaração de raça/cor, cidade onde reside, estado civil e semestre em que se encontra matriculado. Essas informações encontram-se no Quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização dos participantes

Alunos	Gênero	Idade	Autodeclaração de raça/cor	Cidade Residente	Estado Civil	Semestre
Aluno 1	Masculino	20 anos	Branco	Ribeirão Preto - SP	Solteiro	4º
Aluno 2	Feminino	19 anos	Branca	Ribeirão Preto - SP	Solteira	3º
Aluno 3	Feminino	20 anos	Parda	Jardinópolis - SP	Solteira	6º
Aluno 4	Feminino	23 anos	Parda	Ribeirão Preto - SP	Solteira	7º
Aluno 5	Feminino	20 anos	Branca	Ribeirão Preto - SP	Solteira	2º
Aluno 6	Masculino	21 anos	Pardo	Ribeirão Preto - SP	Solteiro	5º
Aluno 7	Feminino	20 anos	Branca	Ribeirão Preto - SP	Casada	1º
Aluno 8	Feminino	22 anos	Branca	Sertãozinho - SP	Solteira	9º
Aluno 9	Feminino	36 anos	Branca	Ribeirão Preto - SP	Casada	2º
Aluno 10	Feminino	29 anos	Branca	Ribeirão Preto - SP	Solteira	3º
Aluno 11	Masculino	22 anos	Branco	Ribeirão Preto - SP	Solteiro	3º
Aluno 12	Feminino	23 anos	Branca	Ribeirão Preto - SP	Solteira	9º
Aluno 13	Masculino	46 anos	Branco	Ribeirão Preto - SP	Casado	1º
Aluno 14	Feminino	24 anos	Branca	Ribeirão Preto - SP	Solteira	10º
Aluna 15	Feminino	29 anos	Parda	Ribeirão Preto - SP	Solteira	4º
Aluno 16	Masculino	21 anos	Pardo	Ribeirão Preto - SP	Solteiro	6º

A PERCEÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOBRE O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA

Aluno 17	Feminino	19 anos	Branca	Ribeirão Preto – SP	Solteira	3º
Aluno 18	Feminino	29 anos	Branca	Ribeirão Preto – SP	Solteira	4º
Aluno 19	Masculino	23 anos	Pardo	Ribeirão Preto – SP	Solteiro	7º
Aluno 20	Masculino	22 anos	Branco	Ribeirão Preto – SP	Solteiro	5º
Aluno 21	Feminino	22 anos	Branca	Pradópolis – SP	Solteira	9º
Aluno 22	Feminino	19 anos	Branca	Ribeirão Preto – SP	Solteira	1º
Aluno 23	Feminino	25 anos	Branca	Ribeirão Preto – SP	Solteira	10º
Aluno 24	Masculino	28 anos	Negro	Ribeirão Preto – SP	Solteiro	8º
Aluno 25	Masculino	25 anos	Branco	Ribeirão Preto – SP	Solteiro	7º
Aluno 26	Masculino	19 anos	Negro	Sertãozinho – SP	Solteiro	2º
Aluno 27	Feminino	22 anos	Branca	Morro Agudo – SP	Solteira	6º
Aluno 28	Feminino	46 anos	Branca	Ribeirão Preto – SP	Casada	8º
Aluno 29	Feminino	38 anos	Branca	Cravinhos – SP	Casada	8º
Aluno 30	Masculino	40 anos	Branco	Ribeirão Preto – SP	Casado	5º

Fonte: elaborado pelos autores (2024)

Pode-se notar, a partir das informações acima, que os entrevistados são, majoritariamente, do gênero feminino. É possível notar também que possuem entre 19 e 46 anos. Além disso, nota-se que dos trinta entrevistados, 22 se declaram brancos, 6 pardos e 2 negros. Com relação ao estado civil, 24 são solteiros e 6 casados. Dos entrevistados, 24 residem no município de Ribeirão Preto - SP, 2 em Sertãozinho - SP, 1 em Cravinhos - SP, 1 em Jardinópolis - SP, 1 em Morro Agudo - SP e, por fim, 1 em Pradópolis - SP. Como apontado anteriormente, foram entrevistadas 3 pessoas de cada período.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Serão apresentadas a seguir, a análise dos resultados e a discussão dos dados com a literatura.

A plataforma de ensino utilizada pela instituição de ensino

A maioria gostou da plataforma *Microsoft Teams* utilizada pela instituição de ensino (16 alunos), enquanto 14 consideraram a plataforma complexa, confusa e não apreciaram.

“A plataforma facilitou no processo de tirar dúvidas através do botão de levantar a mão, pois o professor paralisava o pensamento, para atender o aluno de forma rápida e para aqueles tímidos, que não ligavam o microfone e a câmera. O chat disponível também foi uma opção bem viável” (Aluno 3).

“A instituição foi a primeira na cidade a adquirir um meio de não prejudicar os alunos e ficarmos parados tanto tempo. Entretanto, por não ser apresentado mais informações sobre seu funcionamento tivemos pe-

quenos conflitos ao logar e ao acessar as aulas gravadas. Porém, por ser uma plataforma complexa, as reuniões podiam ser agendadas, os trabalhos entregues por lá e as provas também. Demoraram alguns meses até essa adaptação, coisa de um semestre, depois todos estavam craques, inclusive os docentes” (Aluno 19).

“Sobre a Plataforma Teams notei que é fácil de mexer, mas sempre caía a conexão. Logo, em termos de funcionalidade é boa, mas de conexão é péssima. Deixa muito a desejar. Em seminários, ao espelhar os slides, para alguns apareciam, para outros não e também acontecia do slide fechar sozinho” (Aluno 24).

A partir das colocações dos entrevistados, supõem-se que, apesar de todas as dificuldades e prejuízos que a pandemia trouxe para a educação de um modo geral, a plataforma adotada pela instituição foi uma estratégia viável para dar continuidade às aulas e às atividades pedagógicas. Notou-se que os alunos de um modo geral apreciaram a plataforma adotada pela instituição de ensino superior pesquisada.

O estudo de Carvalho, Cunha e Quiala (2021) confirma que alunos do ensino superior aprovaram o ensino remoto e se adaptaram aos desafios e empecilhos das atividades oferecidas. Cardoso, Ferreira e Barbosa (2020) revelaram que as instituições de ensino superior, ao mudarem para o ensino remoto emergencial, não prejudicaram o andamento do semestre letivo, e os alunos puderam dar continuidade aos estudos. Apesar de ser uma situação nova, todos tentaram se reorganizar diante das novas maneiras de ensino e interações.

A metodologia de ensino do professor

Constatou-se que 14 entrevistados gostaram da forma como a metodologia foi desenvolvida pelos docentes, 9 alunos avaliaram como péssima e 7 consideraram complexa, respon-

sabilizando a instituição de ensino pela não capacitação dos docentes.

“Em relação ao método de ensino do professor, eu não tive nenhum problema porque cada docente tem sua didática ao lecionar, mas o conforto de estar em casa, fez toda diferença. Conseguia focar mais e aproveitar mais dos professores. As dúvidas eram sanadas e repetidas quantas vezes precisávamos. Isso trouxe mais segurança ao aprender” (Aluno 1).

“A respeito da metodologia, sempre muito claro, entretanto, o conhecimento também parte de mim. Eu não enxergo problema na metodologia, mas com o acesso à internet, é fácil se sabotar e cai a qualidade de aprendizado. Sempre entendi com clareza as explicações. As dúvidas que tinha, foram esclarecidas, quando não era ao vivo, entrava em contato com o professor via Teams ou Whatsapp, então foram bem prestativos” (Aluno 18).

“Em relação ao ensino, alguns professores ficaram devendo com base em sua metodologia. Foi ruim mesmo. Alguns docentes renovaram, usaram plataformas para o benefício do aluno como jogos, quiz e mapas mentais, atividades diversas, então fez com que interagíssemos mais. Porém, outros eram mais metodistas, com slides cansativos, tornando a aula maçante porque não intensificavam o conteúdo além dos slides. De fato, me senti um robô com os docentes que só carregavam slides e acabou que não aprendi tanto e nas provas, era inevitável não utilizar dos slides com respostas já prontas. Acredito que faltou a faculdade preparar os professores melhor para este tipo de ensino” (Aluno 25).

“Na minha percepção, o curso em si de psicologia, é muito amplo. Então, na área remota, a gente perde muito, principalmente pela ausência de contato humano. Achei o ensino bom, entretanto, me frustrei com alguns docentes, alguns tratavam a matéria de forma superficial, acredito que tenha faltado mais didática e conteúdo” (Aluno 27).

Ao explorar os dados obtidos, foi possível observar que quase a metade dos alunos gostou da metodologia e dos recursos didáticos utilizados pelos docentes na plataforma *on-line*. Supõe-se que alguns docentes conseguiram atrair mais a atenção dos alunos com uma didática mais inovadora, diferente e utilizaram recursos tecnológicos. Por outro lado, outros professores ministraram aulas tradicionais, expositivas e monótonas, desmotivando assim os discentes que passavam várias horas na frente de computadores, celulares ou *tablets*.

Considera-se que a instituição não preparou adequadamente os docentes para o ensino remoto. Nesse sentido, é importante resgatar as ideias da pesquisa de Appenzeller *et al.* (2020), que ressaltaram a necessidade de planejamento, a utilização de instrumentos pedagógicos mais eficientes e preparação do corpo docente e auxílio aos estudantes. Os achados do estudo de Soares, Guimarães e Souza (2021) revelaram que os alunos do ensino remoto do ensino superior são favoráveis ao uso de metodologias ativas nas aulas oferecidas no ensino remoto por facilitarem a aprendizagem. Contudo, os docentes

precisam ter conhecimento de como trabalhar com as novas maneiras de ensinar.

Os dispositivos tecnológicos utilizados e o acesso a conexão (internet)

A maioria dos entrevistados utilizou de dispositivos tecnológicos, como celular e *notebook*, para o acesso às aulas remotas (16), 6 utilizaram apenas o *notebook*, 5 o celular e o computador, 2 o celular e apenas 1 aluno utilizou o celular, *notebook* e *tablet*. Referente à conexão, dos 30 entrevistados, 19 utilizaram o *wi-fi* e o 3G, 10 apenas o *wi-fi* e apenas 1 aluno utilizou o 3G.

“Foi um pouco ruim o dispositivo. Eu não tenho um computador bom, para fazer trabalho eu tive bastante dificuldade. Já as aulas, atendimentos e reuniões, eu fiz pelo celular, tenho sorte de ter uma câmera boa, porém a bateria já não dura muito, de forma geral, os dispositivos foram um empecilho, foi o que mais me atrapalhou, mas consegui lidar bem em razão da internet” (Aluno 12).

“No começo do semestre, meu celular e meu notebook estragaram, gerando um desespero e um gasto. Mas no geral, assistir às aulas estava difícil porque o fato do celular estar na mão, era ruim para focar. Em semana de prova, eu dividia o notebook com a minha namorada, pois éramos duas pessoas para um único dispositivo, às vezes fazíamos rápido as provas para dar tempo de ambos utilizarem, quando não, tentava pelo celular, mas não era aquela entrega 100%. Quanto a internet, na primeira semana do primeiro semestre, fiquei uma semana sem ver aula, pois tinha acabado de me mudar e não tinha internet e estava desempregado, então foi tenso de conciliar. Mas quando a gente se ajeitou, havia instabilidade ou queda de energia, mas não foi frequente” (Aluno 25).

*“Fiz o uso de celular e computador, diria que um privilégio. Quando entrou a pandemia por ser algo estranho e que causava medo, o mundo parou ou se adaptou para o famoso *home-office*. Na faculdade não foi diferente, porém muitas pessoas não contavam com um gasto extra para comprar notebook ou até um celular mais “potente”, pois o Teams sobrecarrega muito os aparelhos. Ah, sem contar que no celular, a visão é mais reduzida, então tem que forçar a vista para enxergar, coisa que no notebook ou computador teria mais ampliação” (Aluno 26).*

A partir das falas dos entrevistados, notou-se que, apesar das diversas dificuldades enfrentadas com os aparelhos, com a tecnologia e conexão da *internet*, a maioria tinha pelo menos um dispositivo para acompanhar as aulas ou atividades do curso. O fato de não estarem no ensino presencial, a adaptação aos novos instrumentos para aprendizagem e à nova rotina foram inevitáveis, gerando muito descontentamento, desgaste e frustrações.

A pesquisa de Silva, Souza e Menezes (2021) apontou a insatisfação de alunos quanto ao ensino remoto e ao acesso à *internet* e aos equipamentos tecnológicos, porém considera os

aspectos favoráveis, como a flexibilidade de horários e diminuição de gastos.

Os achados de Soares, Guimarães e Souza (2021) evidenciam que os alunos foram muito afetados com a pandemia, sem acesso à *internet* em casa, dispondo apenas do celular para participar das aulas ou necessitando se dirigir a outro ambiente (por exemplo, o local de trabalho) para acessar o conteúdo das disciplinas.

As aulas gravadas

Os 30 entrevistados consideraram válido as aulas serem gravadas, pois muitas vezes não estavam física ou psicologicamente bem. Também afirmaram que foi relevante para a retomada de dúvidas.

“Sem dúvidas as aulas gravadas foram ótimas, pois imprevistos e compromissos poderiam surgir. Então, a gente voltava as aulas gravadas e tirava as dúvidas e revisava o conteúdo deixado pelo professor” (Aluno 16).

“Achei perfeito. Tiveram dias que faltei às aulas e sabia que podia retornar depois. Por exemplo, em neuro (neuropsicologia), o professor falava super rápido e tinha que prestar atenção e anotar, logo, me perdia, então, podia retomar” (Aluno 17).

“As aulas gravadas foram essenciais. Embora estivéssemos em home office, o cansaço do dia a dia pela insegurança e incerteza diante da pandemia, fizeram com que nem todos os dias fossem bons para acompanhar a aula. Então, poder rever, no meu tempo, no meu espaço e com uma atenção voltada diretamente para aula foram essenciais para realização de uma boa prova, de ótimos trabalhos e seminários” (Aluno 20).

A partir dos relatos dos alunos, notou-se que as aulas gravadas foram uma grande novidade e trouxeram muitas vantagens e contentamentos para quem não podia assistir às aulas nos dias e horários marcados. Além disso, puderam retomar o que já havia sido explicado e também rever pontos do conteúdo que não estavam claros. Esse resultado reforça os achados de Soares, Guimarães e Souza (2021) ao mencionarem que os docentes gravavam suas aulas e disponibilizavam para acesso aos alunos que não puderam participar, fato apontado pelos acadêmicos como favorável e uma grande vantagem em relação às aulas presenciais.

O ambiente de estudo

Constatou-se que dos 30 entrevistados, 12 tiveram um ambiente organizado e equipado, sem distratores e ruídos, 10 tinham os recursos e objetos, porém distratores, e 8 além de

possuírem distratores, não tinham recursos, como mesas ou escrivaninhas, cadeiras *etc.*

“O ambiente era bem estruturado, embora os ruídos da vizinhança fossem fatores negativos, eu tentava ao máximo me concentrar, porém demorava para voltar ao foco” (Aluno 4).

“Eu acredito que não, por trabalhar em home office, era o ambiente do trabalho e não dos estudos. Diversas vezes me pegava trabalhando e estando em aula, então era muito associado o ambiente de estudo ao trabalho porque não frequentava outro espaço para estudar” (Aluno 6).

“Além da estrutura, não tive problemas com ruídos. Minha família foi bem respeitosa quanto a isso. Acredito também que o curso de psicologia possa ser dado 80% remoto, sendo só estágios e laboratórios presenciais” (Aluno 13).

“Não tive estruturação como mesa e cadeira e nem apoio. Ficava com o celular na mão como se estivesse mexendo” (Aluno 25).

“Sim, eu estudava dentro do meu quarto, na escrivaninha. Ao entrar em aula, todos aqui em casa sabiam e não incomodavam” (Aluno 26).

Supõe-se que nem todos os participantes da pesquisa tiveram um local e equipamentos de estudo adequados. Esse resultado corrobora o estudo desenvolvido por Soares, Guimarães e Souza (2021) ao demonstrarem que os acadêmicos entrevistados não conseguiram participar das aulas síncronas por falta de condições ou infraestrutura ideal, pois não havia espaço adequado em seus ambientes domésticos. Além disso, alguns alunos possuíam apenas um computador, compartilhado com os filhos em idade escolar ou outro membro familiar que também estavam com aulas *on-line*.

O contato físico e a ausência da faculdade

Notou-se que 19 alunos sentiram falta do contato físico dos colegas de turma e da faculdade, já 7 relataram não sentir falta e consideraram o ensino remoto presencial como ótimo, pois houve redução de custos de locomoção, alimentação e até material de estudo. Por outro lado, 9 alunos não possuem uma opinião formada, pois não frequentaram a instituição devido à pandemia da covid-19.

“Sinto muita falta de estar perto das pessoas. Sou muito sociável. Sinto que os alunos que entraram na graduação durante a pandemia junto comigo, a maioria não teve a oportunidade de estar numa faculdade, conviver. Não tem parâmetro para comparar remoto e presencial. Nunca frequentei. Mal conhecemos as pessoas da nossa turma. É estranho” (Aluno 5).

“Então, eu senti muita falta no começo, mas o tempo foi passando e me adaptei as ausências físicas. Notei que me aproximei das pessoas mais no remoto que presencial. Acredito que pela minha família ser de outra

cidade, a distância foi algo adaptável” (Aluno 12).

“Senti muita falta, mesmo que as pessoas interagindo ali no on-line, não cria um vínculo significativo e forte. Já no presencial, por ter uma matéria cursando com uma única pessoa, você já consegue criar um vínculo, mesmo que tenha visto uma única vez. Aliás, nem sabia da existência de algumas pessoas na psicologia, sabia que estavam na graduação, mas não achava que era no mesmo curso que eu” (Aluno 18).

“O home office tem suas vantagens porque não tem gasto de locomoção e alimentação, mas priva o contato físico com outras pessoas. Eu prezo muito pela interação, pois sou muito sociável, portanto tenho uma necessidade maior de estar em grupo. Embora tivemos o contato, porém muito virtual e restrito” (Aluno 21).

A maioria dos entrevistados, ao vivenciar o isolamento social, sentiu falta de estar com os colegas e vê-los presencialmente, bem como do espaço físico da faculdade. O estudo de Carvalho, Cunha e Quiala (2021) apontou que 53,8% dos estudantes de quatro instituições de ensino desde o fundamental a graduação responderam que, apesar de preferirem a modalidade presencial, o ensino híbrido é preferível ao totalmente remoto por proporcionar a interação com colegas e professores.

Na presente pesquisa, apresentamos que a suspensão das aulas trouxe benefícios econômicos aos entrevistados. Tais resultados corroboram os achados de Soares, Guimarães e Souza (2021) ao mencionarem que os participantes que residem em outras cidades ou locais afastados do câmpus universitário relataram que o ensino remoto permitiu o acompanhamento das aulas sem a necessidade de deslocamento, possibilitando melhor utilização do tempo, redução das despesas e maior convívio familiar.

Para Torres, Cosme e Santos (2021), o ensino remoto emergencial em uma universidade privada evidenciou, como vantagem apontada pelos docentes, a diferença do local, uma vez que os alunos não precisaram se dirigir até a instituição educacional.

Doença física e/ou mental, no período do isolamento social

A partir das informações coletadas dos 30 entrevistados, ao lidarem com os aspectos emocionais, 16 relataram crises de ansiedade, 1 crise existencial e 4 síndrome do pânico. Com relação aos aspectos físicos, 5 relataram sedentarismo, cansaço pela ausência de atividades físicas e ganho de peso. Já 4 alunos não relataram presença de nenhuma doença física ou mental.

“De saúde engordei 20kg. Não que eu ligue para aparência física, mas fisicamente me sentia mais cansada. Engordar deixa de produzir um hormônio e produz outro e isso acarreta em problemas mentais e piora a ansiedade” (Aluno 5).

“Fisicamente, tive dois problemas. O primeiro foi uma gripe muito forte e depois a Covid - tive dias ruins, com o corpo ruim e automaticamente, o adoecimento da mente. Mas a parte mental foi e está sendo ainda difícil, principalmente pela solidão, em razão de ser tudo através de telas e não poder trocar conforto e carinho, me machucou muito” (Aluno 6).

“Comecei a ter crise de pânico no fim de 2019, por ter saído de casa, fui morar em outra cidade. Logo em seguida, entrou a pandemia (2020) e foi agravando. Acredito que pelo medo, pelo isolamento e a falta de contato e diante disso, desenvolvi ansiedade generalizada enquanto o pânico era tratado. Ao decorrer do tratamento da ansiedade, eram épocas, eram dias bons, dias ruins. Atingiu bastante a questão da faculdade, pois não me sentia disposta, mesmo sendo on-line” (Aluno 8).

“Sempre tive problema com o meu corpo, na pandemia, eliminei 10kg acometidos pela anorexia. Já mentalmente, tive alguns pensamentos ruins (suicidas) de desistir e abrir mão de tudo, além também da ansiedade” (Aluno 17).

Percebeu-se, a partir das colocações dos alunos, que o sofrimento foi inevitável durante o período da pandemia e do isolamento social. Evidenciou-se entre os alunos a ansiedade e o aumento/perda de peso. Ocorreram também algumas situações mais complexas, como síndrome de pânico e ideias suicidas. Para alguns alunos, tudo isso afetou seu desempenho acadêmico, por não ter disposição para estudar.

O estudo de Pereira *et al.* (2021) apontou que os estudantes universitários brasileiros, durante a pandemia da covid-19, demonstraram alto nível de ansiedade e níveis moderados para os pensamentos e comportamentos obsessivos e compulsivos. Por sua vez, a pesquisa de Soares, Guimarães e Souza (2021) evidenciou que os participantes que cursaram o maior número de disciplinas durante a pandemia, no formato de ensino remoto, enfrentaram maiores dificuldades e relataram o aumento de estresses, baixa autoestima, incapacidade de resiliência e outras questões emocionais.

Para Oliveira *et al.* (2020), durante a pandemia, os alunos passaram por muitas mudanças e demonstraram novos sinais e sintomas de doenças, como ansiedade, estresse e depressão. A pandemia também se mostrou como intensificadora de sintomas, pois as pessoas que já possuíam ansiedade, depressão ou estresse apresentaram esses sinais e sintomas intensificados.

Conforto ou válvula de escape, no período do isolamento social

A partir das colocações dos entrevistados, notou-se que sete entrevistados intensificaram os pedidos de *delivery* para satisfazer suas necessidades, cinco tomavam medicações controladas, quatro intensificaram a prática de exercícios físicos, três relataram a ingestão de álcool durante a semana, três re-

lataram forte presença de tabagismo, três se sentiram confortáveis conversando com outro alguém por videochamada, um optou por jogos virtuais, um dormir como forma de “anular” os sentimentos ruins e outros dois não tiveram válvula de escape.

“Minha válvula de escape era o tratamento combinado com psiquiatra e psicólogo, mas parei com psiquiatra antes do início do semestre. Ainda tem algumas medicações aqui em casa que faço uso, caso eu tenha crises fortes e pretendo voltar também com tratamento contínuo” (Aluno 2).

“Não cheguei a fazer terapia, então minha válvula de escape era beber cerveja, por me relaxava no fim do dia. No começo conseguia controlar, até que tomou proporções maiores, criei uma certa dependência ao álcool e, conseqüentemente, a comida” (Aluno 10).

“Antes da pandemia, eu via meu dia a dia como uma válvula de escape, porque não tinha tempo de pensar muito, fazia atividades físicas, trabalho e faculdade, além das interações sociais ao sair à noite e também as sessões de terapia, então, esses comportamentos reduziram meus pensamentos de impotência. Porém, com a pandemia e o tempo livre, não poder sair de casa, as coisas se intensificaram” (Aluno 16).

Os relatos dos alunos demonstraram que eles utilizaram vários recursos para lidar com os sentimentos e desconfortos gerados pela pandemia e pelo isolamento social. Supõe-se que alguns canalizaram suas energias para atividades físicas e procuraram conversar com pessoas por meio de videochamadas. Já outros tiveram atitudes consideradas prejudiciais à saúde, como o consumo de bebidas alcoólicas e o tabagismo. Notou-se que alguns alunos precisaram recorrer a medicações, bem como a “comida”, como forma de lidar com os sentimentos e experiências desagradáveis desse momento.

Os achados de Cruz *et al.* (2023) mostram que a pandemia aumentou o número de pedidos de alimentação via *fast-food*, principalmente devido à necessidade das pessoas ficarem em casa, o que aumentou a probabilidade da população desenvolver uma série de complicações e agravamento de doenças crônicas. Observou-se também que o estresse emocional e a falta de atividades físicas durante a pandemia influenciaram mudanças nos hábitos alimentares dos entrevistados.

O acompanhamento com profissionais de saúde mental

Constatou-se que 15 dos 30 entrevistados intensificaram as psicoterapias no período da covid-19, 4 relataram acompanhamento com psicólogo e psiquiatra, 1 relatou acompanhamento com psiquiatra, 4 ficaram sem acompanhamento por falta de dinheiro devido ao desemprego, 3 relataram que o convênio,

no período de quarentena, cortou as consultas, e 3 disseram não fazer acompanhamento por “não precisarem”.

“Fiz terapia em períodos espaçados, enquanto trabalhava, pagava, quando ficava desempregado, não tinha acesso. Hoje em dia, consegui consulta gratuita e continuo nesse processo” (Aluno 25).

“Recentemente, larguei a psicoterapia, frequento apenas psiquiatra e faço utilização das medicações, em razão do convênio, que cortou acesso as terapias on-line” (Aluno 26).

“Não fiz psicoterapia, mas deveria, ainda mais por estar na área da saúde mental e por ser diagnosticada com depressão no passado. Mas não me programei para fazer terapia, pois estava atendendo a demanda de casa” (Aluno 28).

A partir das colocações dos entrevistados, percebe-se que a psicoterapia como um instrumento de apoio na pandemia e isolamento social foi fundamental nesse novo momento que estava sendo vivenciado. Além disso, alguns relataram a presença do atendimento na área da psiquiatra, pois a medicação foi necessária nesse período. O desemprego e os cortes de consultas realizados pelo convênio foram fatores que prejudicaram a continuidade do tratamento.

Para Viana (2020), a psicoterapia *on-line*, no contexto da covid-19, possibilitou novas configurações de atendimento. Nota-se que, com o advento da pandemia, aumentou a necessidade e a utilização da modalidade *on-line* em psicoterapia. Existem aspectos a serem considerados nesse momento, como o aumento do estresse nas famílias, bem como o aumento de distúrbios do sono. Pereira *et al.* (2021) relatam a importância dos alunos de uma universidade pública realizarem atendimento psicológico *on-line* no período da pandemia da covid-19, com vistas a terem um espaço de escuta qualificada para a expressão de angústias e suporte emocional. A principal queixa foi a ansiedade, possivelmente associada aos efeitos da pandemia e seus agravantes tanto no contexto social quanto no trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou investigar a percepção dos alunos do curso de graduação em psicologia sobre o ensino remoto emergencial em uma instituição de ensino superior privada.

O isolamento social, durante o período da pandemia da covid-19, foi uma recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e necessário diante da crescente disseminação da doença pelo mundo. As pessoas viveram momentos perturbadores e surgiram diversas dúvidas e incertezas sobre como melhorar a situação. Dessa forma, o ensino remoto foi uma

alternativa escolhida por instituições educacionais para dar continuidade ao semestre.

Segundo dados apresentados neste estudo, os graduandos de psicologia de uma instituição de ensino superior privada consideraram que o centro universitário pesquisado conseguiu proporcionar ações pedagógicas na plataforma adotada, e os alunos procuraram se adaptar aos empecilhos encontrados com a metodologia e a tecnologia nessa nova modalidade de ensino, bem como superar os problemas psicológicos e físicos que surgiram nesse período.

A partir dos entrevistados, detectou-se que existiram obstáculos, porém o ensino remoto emergencial foi fundamental para alunos e docentes finalizarem o ano letivo.

Compreender a percepção dos alunos acerca do processo de ensino poderá contribuir com as instituições de ensino no enfrentamento de dificuldades e na elaboração de estratégias relacionadas ao ensino remoto emergencial.

Ressalta-se que as instituições podem criar alternativas para minimizar os impactos negativos de ações emergenciais nos alunos. É essencial ter ou melhorar os centros de apoio psicossocial nas universidades para auxiliar os alunos, docentes e funcionários em situações complexas.

A universidade pode ser uma grande aliada na promoção da saúde e na melhoria da qualidade de vida dos acadêmicos, docentes e funcionários em momentos de intensa aflição, angústias e dificuldades.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v.8, n.3, p. 348 - 365, 2020.
- APPENZELLER, S.; MENEZES, F. H.; SANTOS, G. G. Dos; PADILHA, R. F.; GRAÇA, H. S.; BRAGANÇA, J. F. Novos Tempos, Novos Desafios: Estratégias para Equidade de Acesso ao Ensino Remoto Emergencial. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Campinas, 2020.
- AQUINO, E. M. L.; SILVEIRA, I. H.; PESCARINI, J. M.; AQUINO, R.; SOUZA-FILHO, J. A. de; ROCHA, A. dos S.; FERREIRA, A.; VICTOR, A.; TEIXEIRA, C. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Revista: Ciência e Saúde Coletiva**, v. 25. supl 1. Rio de Janeiro, 2020.
- ASSEMBLÉIA GERAL DA ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (217 [III] A). Paris, 1948.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BEHAR, P. A. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. Portal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2020.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p.
- CARDOSO, C. A.; FERREIRA, V. A.; BARBOSA, F. C. G. (Des) igualdade de Acesso à Educação em Tempos de Pandemia: Uma Análise do Acesso às Tecnologias e das Alternativas de Ensino Remoto. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 38-46, ago 2020.
- CARVALHO, A. V. G.; CUNHA, M. R. da; QUIALA, R. F. O ensino remoto a partir da pandemia, solução para o momento, ou veio para ficar?. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 06, ed. 05, v. 10, p. 77-96, 2021.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). **Resolução n. 466/12**, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012
- CRUZ, U. F.; PAIXÃO, M. C. B. da, SANTO, A. C. do E.; GOMES, A. R. Q. Impacto nos hábitos alimentares durante o isolamento causado pela COVID-19. **Brazilian Journal of Development, Curitiba**, v.9, n.6, p. 19900-19911, jun., 2023.
- CUNHA, L. F. F.; SILVA, A. S.; SILVA, A. P. O Ensino Remoto no Brasil em Tempos de Pandemia: Diálogos Acerca da Qualidade e do Direito à Educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020.
- FERREIRA-NETTO, R. G; CORRÊA, J. W. N. Epidemiologia do Surto de Doença por Coronavírus (COVID-19). **Revista Desafios**, v. 7, n. Supl. COVID-19, Amazonas, 2020.
- GUSSO, H. L.; ARCHER, A. B.; LUIZ, F. B.; SAHÃO, F. T.; LUCA, G. G. de; HENKLAIN, M. H. O.; PANOSSO, M. G.; KIENEN, N.; BELTRAMELLO, O.; GONÇALVES, V. M. Ensino Superior em Tempos de Pandemia: Diretrizes à Gestão Universitária. **Educação & Sociedade**, v. 41. Campinas, 2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1999.

OLIVEIRA, E. N.; VASCONCELOS, M. I. O.; ALMEIDA, P. C.; PEREIRA, P. J. de A.; LINHARES, M. S. C.; XIMENES-NETO F. R. G.; ARAGÃO, J. M. N. Covid-19: repercussões na saúde mental de estudantes do ensino superior. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. Especial 1, p. 206-220, mar/2022.

PAIVA, V. L. M. de O. Ensino remoto ou ensino a distância: efeitos da pandemia. **Estudos Universitários: revista de cultura**, v. 37, n. 1 e 2, dez. 2020.

PEREIRA, M. M.; SOARES, E. de M.; FONSECA, J. G. A.; MOREIRA, J. de O.; SANTOS, L. P. R. Saúde mental dos estudantes universitários brasileiros durante a pandemia de Covid-19. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 23, n. 3, p. 1-20, 2021.

PEREIRA, M. M.; TRAJANO, A. R. C.; CAVERSAN, H. de A. C.; MOREIRA, S. P.; TIBIRIÇÁ, V. A. Plantão psicológico: a prática do acolhimento *on-line* durante a pandemia da COVID-19. **Revista de Extensão da UPE**, v. 6, n. 1., p. 39-51, 2021.

RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. dos S. Pandemia da Covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na prática pedagógica. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 10, n.1, p. 41 -57, 2020.

SILVA, A. C. O.; SOUSA, S. de A.; MENEZES, J. B. F. de M. O ensino remoto na percepção discente: desafios e benefícios. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 298-315, set./dez. 2020.

SOARES, C. S.; GUIMARÃES, D. E. L.; SOUZA, T. V. de. Ensino remoto emergencial na percepção de alunos presenciais de Ciências Contábeis durante a pandemia de Covid-19. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, Florianópolis, SC, v. 20, p. 1-19, 2021.

TORRES, P. L.; COSME, A.; SANTOS, E. Educação e tecnologias em contexto de pandemia: uma experiência de aulas remotas. **Revista Cocar**. Edição Especial, n. 9, p.1-21, 2021.

VIANA, D. M. Atendimento psicológico online no contexto da pandemia de COVID-19. **Cadernos ESP. Ceará - Edição Especial**, v. 14, n. 1, p. 68 -73, jan. jun, 2020.